



GRAFITE:

Uma marca da globalização no espaço urbano de Campos dos Goytacazes

Anderson Luiz Barreto da Silva
Universidade Federal Fluminense
andersonlbarreto@gmail.com

Edimilson Antônio Mota
Universidade Federal Fluminense
uffmota@gmail.com e-mail

1 – INTRODUÇÃO

O grafite como conhecemos hoje, surge nos bairros periféricos de Nova York (E.U.A.), no fim da década de 1960, início da década de 1970, e em sua gênese, esteve intimamente ligado com questões identitárias e territorialistas, com seus símbolos e códigos próprios que delimitavam a área de atuação de muitos grupos de jovens por muitas vezes ligados a marginalidade (ganges), de acordo com Lazzarin (2007).

Nesse mesmo recorte espaço temporal, o grafite se amalgama ao canto *Rap*, e a dança *Break* nas periferias americanas, propiciando o nascimento do que conhecemos como cultura Hip Hop, hoje amplamente difundida e reconhecida ao redor do mundo.

Já a globalização é um fenômeno que tem raízes no mercantilismo, no colonialismo e no desenvolvimento do capitalismo, e que alterou as relações estabelecidas entre as sociedades, os indivíduos, os espaços geográficos e os Estados ao longo do tempo, possibilitando o surgimento de aspirações como a do nascimento de uma “cultura global” (GUIMARÃES, 2007. p. 169-171).

Popularizado a partir da década de 1980, o termo “globalização” é até hoje alvo de discussões e conceituações pelos mais diversos âmbitos e paradigmas, e a sua inserção na cultura é perceptível pela influência externa dos agentes globais interagindo com os agentes locais, interferindo no “curso natural” dos mesmos (GUERRA, NARARETH e SILVA, 2016, p.216).

Neste contexto, a dita “cultura global” é vista por alguns autores como sendo o resultado de um domínio político econômico, principalmente dos Estados Unidos da América, pela forma como esta nação têm projetado ao longo do tempo, sua cultura



hegemônica pelo mundo, principalmente através das mídias (cinema, tv, internet) “globalizando” padrões culturais e o modo de vida norte-americanos (FORTUNA apud GUERRA, 2016, p. 217).

Logo, o grafite assim como o rap, outro elemento fortemente difundido da cultura hip hop, “pode ser considerado exemplo desse processo de globalização das culturas que tem como corolário a ideia de desterritorialização e a reunião daquilo que está territorialmente separado através da comunicação” (GUIMARÃES, 2007. p. 176).

2 – OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho são: analisar à luz da Geografia, as complexas relações do grafite com o fenômeno da globalização; analisar como o grafite, enquanto engrenagem da cultura globalizada, se ressignifica e interage com o espaço urbano na cidade de Campos dos Goytacazes.

3 – METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste artigo, que se apresenta como uma pesquisa qualitativa, iniciou-se com uma minuciosa pesquisa bibliográfica. Num segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alguns grafiteiros atuantes na cidade de Campos dos Goytacazes, e por fim, foram realizados registros iconográficos.

4 – GRAFITE E GLOBALIZAÇÃO

Santos (2008) definiu a globalização como sendo o “ápice do processo de internacionalização do mundo”, e afirmou que para compreendê-la, dois elementos chave devem ser levados em consideração de forma concomitante e com equivalente importância: os aspectos técnicos/tecnológicos e os aspectos políticos (SANTOS, 2008. p.23).

Os avanços tecnológicos do século XX, principalmente no período pós Segunda Guerra Mundial, produziram “um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da



informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária” (SANTOS, 2008. p.23) .

O desenvolvimento da cibernética, da informática, da eletrônica, das telecomunicações, bem como a popularização de dispositivos digitais de uso pessoal compatíveis com essas novas tecnologias a partir da última década do século passado, possibilitou a conexão e a interação de pessoas quase que instantaneamente em lugares bastante distintos, tanto cartograficamente como culturalmente.

Esses avanços tecnológicos nos propiciaram conhecer de forma mais íntima, o modo de vida, de expressão artística e as manifestações culturais de outras partes do mundo, redimensionando as relações espaço temporais (SANTOS, 2008.p.25).

A internet, como um importante ícone da globalização, como uma engrenagem desse novo sistema técnico/tecnológico de presença global, tem um papel importante na popularização do grafite em Campos dos Goytacazes, como nos relata o professor de grafite local Jhony Nunes Siqueira (Jhony Misterbod).

Ele afirma em entrevista concedida para o presente artigo, que a internet é a principal forma de divulgação dos seus trabalhos, principalmente pelo fácil acesso que se tem hoje a essa tecnologia nos meios urbanos, e pela alta velocidade de comunicação que essa tecnologia lhe proporciona, além de ser, para ele, a melhor ferramenta para conhecer trabalhos de outros grafiteiros ao redor do mundo.

Outro grafiteiro conhecido e atuante em Campos dos Goytacazes, Marcus Vinícius Curi (MV Curi) nos relata em entrevista concedida para o presente trabalho que, assim como o professor Jhony Siqueira, para ele o avanço da internet (principalmente redes sociais), computadores e smartphones contribuíram significativamente para a popularização do grafite em Campos dos Goytacazes.

Segundo ele, a internet, propicia uma dinâmica muito própria na relação das pessoas com o espaço modificado pelo grafite, pois os transeuntes muitas vezes não observam os muros rotineiros em seus caminhos diários com a mesma atenção com que observam seus smartphones.

Logo, quando uma imagem de um recorte espacial remodelado pela ação do grafite chama a atenção do público nas redes sociais, isso faz com que as pessoas voltem seus olhares novamente para a rua, lar original do grafite.



O processo da globalização, através das tecnologias da informação ampliaram as dimensões da cultura moderna, sendo o principal impulsionador do movimento hip-hop, do qual o grafite é um dos principais elementos.

Conseqüentemente, o grafite difundiu-se através dos meios de comunicação transnacionais do mundo globalizado, responsáveis pela transmissão e absorção de estilos e técnicas de artistas de diferentes partes do mundo, transformando-o num fenômeno global (PEREIRA, 2013 p.3-4), que hoje é exportado, distribuído, praticado e consumido por inúmeras pessoas no planeta, pois progressivamente, o grafite foi ganhando espaço, ditando moda, passando a estar presente não só nos muros, mas também nas roupas, nos carros, nos tênis, na mídia, na publicidade, nas escolas e nos programas governamentais (COSTA, 2007.p.181).

5 – GRAFITE E GEOGRAFIA

O grafite contextualiza-se plenamente como parte da reconstrução e ressignificação contínua do espaço vivenciado dos centros urbanos ao longo do tempo, e os recortes espaciais ocupados e ressignificados pelos grafiteiros em Campos dos Goytacazes, nos possibilitam fazer uma análise geográfica das complexas formas de uso dos lugares no contexto das cidades, que configuram e reconfiguram dinamicamente a sua organização espacial, também chamada de espaço urbano (CORRÊA, 1989, p.7).

Não foram encontrados registros publicados sobre a história do surgimento e desenvolvimento do grafite em Campos dos Goytacazes que remontem períodos anteriores a segunda metade da década de 1990 (período coincidente com o início da popularização dos microcomputadores e da internet), ficando a oralidade como principal forma de transmissão histórica quando tratamos do início do grafite nesta cidade.

Um dos pioneiros do grafite na cidade atende pelo nome artístico de Andinho Ide, e é considerado como o grande precursor desta arte no contexto urbano goitacá. Ele é citado como uma grande referência do grafite local pelo professor Jhony Siqueira e por Jamenson Joviano (Dog Jam), que é outro grafiteiro e artista plástico e empreendedor entrevistado no presente trabalho.

O próprio professor Jhony Siqueira obteve um destaque significativo, chegando a ter uma obra sua (uma tela) exposta em setembro de 2015 na Universidade de



Colúmbia e na Semana Global da Central Única das Favelas (C.U.F.A.), ambas em Nova York, E.U.A, junto a obras de outros dezenove grafiteiros de comunidades carentes de vários países (JANUZZI, 2015).

Santos (2006) considera o espaço como sendo um conjunto de fixos, que são os elementos fixados em cada lugar (como muros, fachadas, viadutos, etc), que permitem ações que modificam o próprio lugar, e fluxos, também chamados de fluxos novos ou renovados (como a ação dos grafiteiros), que são as ações que recriam as condições ambientais e as condições sociais que redefinem cada lugar (SANTOS, 2006, p. 38).

Por ser uma arte da rua e na rua, o grafite “dialoga com os transeuntes independentemente da classe econômico-social a que pertencem ao possibilitar o resgate, a cultura, a valorização e a transformação dos lugares” (MOREIS, 2015.p.5264).

O conceito de lugar, desvincilhando-se do senso comum, que o trata como sinônimo de local, é repleto de significados organolépticos, e segundo sua redefinição, ele surge como uma necessidade diante do processo de globalização, e se apresenta como “um ponto de articulação, entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento” (CARLOS, 2007. p.22).

Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação [...], mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação. (TUAN *apud* HOLZER, 1979. p.70)

Estes “pequenos mundos”, podem ganhar novos sentidos e despertar novas percepções através do grafite, como no exemplo da comunidade “Portelinha”, na periferia de Campos dos Goytacazes, que nos dias 10 e 11 de outubro de 2015 recebeu o “Mutirão de Graffie Nós por Nós” (FREITAS, 2015), organizado pelos grafiteiros campistas Jhony Misterbod, Andinho Ide e Dog Jam, que propunham revitalizar aquele recorte do espaço urbano grafitando os muros e fachadas dos prédios do referido conjunto habitacional popular.

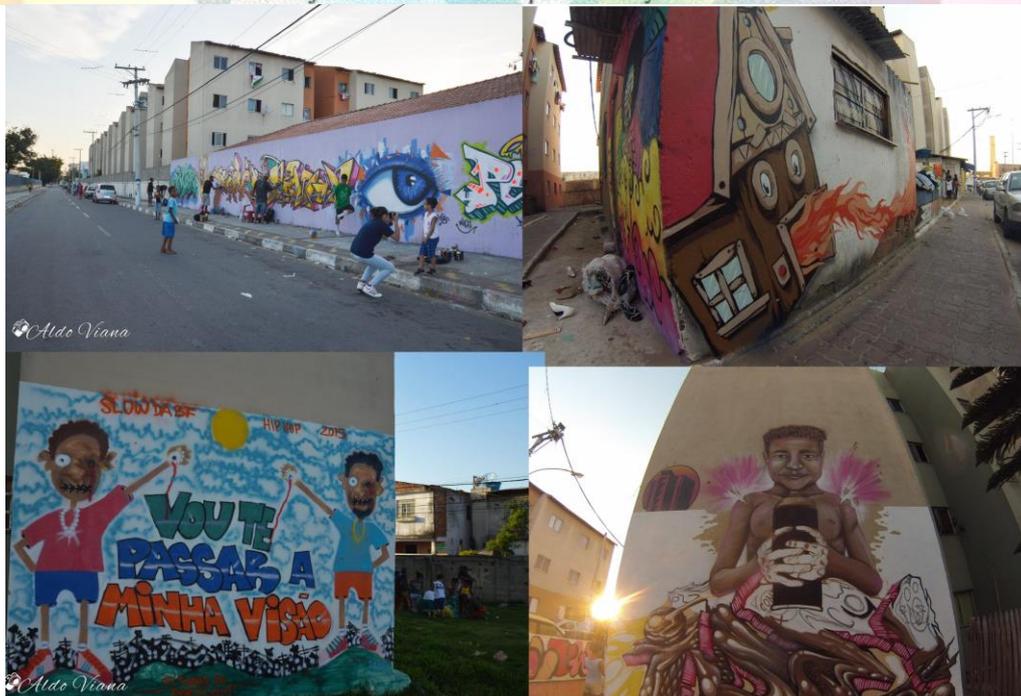


Figura 2: Comunidade da “Portelinha”, em Campos dos Goytacazes. Fotos do lado esquerdo por Aldo Viana, do lado direito, por Jhony Siqueira. Fotografado entre 10 e 11 de outubro de 2015.

Segundo Carlos (2007),

[...] a globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem, todavia, anularem-se as particularidades. [...] O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular (CARLOS, 2007, p.14).

Outra categoria geográfica indispensável ao abordarmos o grafite é a paisagem, que possui ao mesmo tempo, entrelaçados e interligados, um lado funcional e outro simbólico, tornando-se “vitrine permanente” da cultura. (CORRÊA, 2001.p.290). É através desse lado simbólico que o grafite atua, se exprime, se comunica e se diferencia.

As paisagens, de acordo com a organização dos seus elementos, “servem como mediação na transmissão de conhecimentos, valores ou símbolos”, colaborando com a transmissão ao longo do tempo das manifestações culturais, como: crenças, atitudes, valores e saberes (CLAVAL *apud* CORRÊA, 2001, p. 290).

Corroborando com essa análise, veremos adiante um grafite localizado na Avenida XV de Novembro, no bairro Centro, à margem direita do Rio Paraíba do Sul, que traz a representação da lenda campista do Ururau da Lapa.

A lenda conta a estória de um homem que teria sido amaldiçoado e transformado num imenso jacaré do papo amarelo, chamado pelo nome indígena de Ururau, e que desde o século XVIII atacaria embarcações e arrastaria pessoas para dentro do referido rio em frente à Igreja da Lapa, como uma forma de vingança pela maldição que ali o aprisionou. O Ururau também teria causado o naufrágio de um barco que trazia consigo um enorme sino de ouro destinado à torre da Igreja da Lapa, e dentro deste sino, no fundo do Rio Paraíba do Sul, ele teria feito sua eterna morada (PEIXOTO, 1991, p. 6-14).

O grafite abaixo, obra do artista Andinho Ide, exemplifica tanto uma forma de transmissão cultural propiciada pela paisagem ressignificada, quanto articulação do global (representado pelo grafite como arte globalizada) e o local (representado pela lenda do Ururau da Lapa).



Figura 01. “Ururau da Lapa”. Fotografado por Anderson Luiz Barreto da Silva, em 28/07/2016.

A paisagem cultural, compreendida como a paisagem modificada, construída, que sofre ou sofreu algum tipo de remodelagem por intervenções antrópicas e o grafite, têm uma relação muito íntima e dinâmica nos centros urbanos, onde os hábitos, costumes e as relações com o espaço vivido se metamorfoseiam e se alteram contínua e ininterruptamente. Onde o homem interage e intervém com a natureza de acordo com suas necessidades e interesses indiscriminadamente.

Milton Santos em seu livro *a Natureza do Espaço* (1996), estabelece uma necessidade de distinção entre espaço e paisagem, dizendo que estes não são sinônimos,



pois "a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas mais a vida que as anima". (SANTOS, 1996. p.103).

Correlacionando a paisagem ao grafite, Tartaglia (2013) afirma que:

Um dos procedimentos mais comuns e certamente mais importantes da prática do grafite é perceber a paisagem. Notar as possibilidades que a paisagem urbana oferece é um exercício ao qual grafiteiros dedicam sua percepção e sensibilidade ao circularem pela cidade (TARTAGLIA, 2013. p.195).

O grafite se relaciona intrinsecamente com o espaço urbano, determinando a territorialidade (HAESBAERT *apud* TARTAGLIA, 2013. p.193) de seus autores. Essa territorialidade própria dos grafiteiros, pode ser entendida como a sua afirmação enquanto sujeitos atuantes na cena cultural de suas cidades, ou até de outras cidades, por meio da confecção de seus desenhos e imagens impactantes nestas referidas paisagens.

O grafite poderia ser então considerado como uma forma de *escritura territorial*, uma espécie de “marca” da cidade, que expressa as ideias e os modos de ser e de pensar dos seus produtores através de seus desenhos e de seus traços (CANCLINI, 1997. p.306).

6 – O GRAFITE RESSIGNIFICADO

A globalização carrega em si uma redefinição das sociedades de consumo, majoritariamente alargadas e informadas, sendo o consumo artístico congruente com este novo modelo, o que levou a potencialização do “desenvolvimento e a redefinição do grafite enquanto atividade e veículo publicitário” (PEREIRA, 2013. p. 5).

A popularização do grafite no início do século XXI tanto no dia a dia das sociedades urbanas, quanto na internet (um dos símbolos do mundo globalizado), atrelado a um processo de desmarginalização e regulamentação dessa arte em âmbito nacional, inclusive com mudanças na legislação, propiciou além da proliferação dos grafites espontâneos (“artísticos”, de iniciativa livre dos artistas), o surgimento de um grafite “comercial”, patrocinado, carregado de uma intencionalidade mercantil.

Alguns setores públicos passaram até a desenvolver programas sociais de caráter inclusivo e/ou profissionalizante, utilizando o grafite como veículo para atrair jovens no



intuito de afastá-los da marginalidade, enquanto uma parcela cada vez maior da iniciativa privada passou a enxergar no grafite, com sua linguagem própria e estética jovial implícita, um significativo potencial econômico.

Em Campos dos Goytacazes o poder público municipal mantém desde 2007 uma oficina de qualificação profissional gratuita chamada *Arte em Grafite*, que atende prioritariamente um público de jovens entre 14 e 18 anos, de classes sociais menos abastadas, no contra turno escolar.

Não é raro hoje, em Campos dos Goytacazes, depararmos-nos pelas ruas da cidade com inúmeros exemplos de grafites profissionais, feitos sob encomenda para muros e fachadas, estabelecimentos comerciais e empresas dos mais variados segmentos, inclusive em alguns casos transgredindo o próprio grafite enquanto arte de rua, migrando sua confecção para o interior de residências e comércios, a título de decoração de ambientes.

Porém, nem todos os autores vêm com bons olhos essa ressignificação do grafite, pois alegam, como Costa (2007), que:

Logo se vê que o grafite entrou na moda. Tá na roupa, no carro, no tênis, na mídia-mundo. O grafite, enfim, foi se transformando em arte de galeria, perdendo a potência política e intervencionista que privilegiava a cidade como seu espaço de intervenção e discurso, colocando-o como resistência a um modelo de arte completamente sujeito aos mecanismos de controle de museus, galerias, bienais, publicidade. [...] Com isso se vê que o grafite, nascido dos conflitos raciais, da miséria econômica e cultural como um disparo na direção da ordem burguesa de homogeneização dos sujeitos nas metrópoles modernas, reinstala-se como o decorativismo morno em nome do novo nas mãos de atravessadores da arte, ávidos pela descoberta de talentos que venham azeitar as engrenagens do velho sistema [...] (COSTA, 2007. p.180-181).

7 – RESULTADOS PRELIMINARES

O grafite e a internet, ferramenta tecnológica que marca o mundo globalizado, surgiram e se difundiram praticamente no mesmo recorte temporal em Campos dos Goytacazes (metade da década de 1990), ao contrário de algumas metrópoles nacionais, onde o grafite já era popular desde a década de 1980.

Em escala menor que em grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, porém de forma não menos significativa, a apropriação dos espaços urbanos pelos grafiteiros de Campos dos Goytacazes compõe um dinâmico sistema onde esses agentes são, através da arte, personagens importantes no processo de transformação desses



espaços, seja com grafites espontâneos, seja com grafites “comerciais”, o que corrobora com Pereira (2013), quando ele afirma que o grafite “é hoje um reconhecido elemento das sociedades contemporâneas, dos seus espaços e da construção visual das mesmas” (PEREIRA, 2013. p.5).

Parece ser fato concreto que a globalização não só contribuiu para a popularização/desmarginalização do grafite, como viabilizou sua profissionalização e mercantilização, seja através dos grafites patrocinados (decorativos ou publicitários), seja através dos produtos (roupas, acessórios, telas, etc) com estéticas e temáticas associadas ao grafite, levando-o a um patamar bem distinto do original, repleto de estigmas e preconceitos, atraindo a atenção tanto do poder público quanto da iniciativa privada em Campos dos Goytacazes.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resumidamente, o grafite abriu-se ao mundo, revelando os seus pormenores e características, redimensionando as conceituações clássicas de arte, antes exclusividade de galerias e exposições, aproximando-a do público popular e do seu cotidiano (PEREIRA, 2007. p.5).

Tomando por base todo o levantamento teórico conceitual que nos subsidiou o entrelaçamento do grafite com as categorias geográficas no recorte do espaço urbano “globalizado” de Campos dos Goytacazes, podemos inferir que o grafite tem papel importante na construção, reconstrução e apropriação do espaço urbano contemporâneo por seus agentes, que expressam-se sobre o mundo que os cercam, ressignificando seus lugares e papéis na sociedade num processo dinâmico e constante.

Entendendo a geografia como uma importante ferramenta para reflexão e compreensão dos fatos naturais e antrópicos no espaço onde estamos inseridos, e sendo o grafite uma dessas ações antrópicas, podemos dizer que a geografia também é uma ciência que nos permite sermos os agentes da transformação social, a partir da compreensão da realidade em que vivemos. Ela tem uma função social dialética, cotidiana, científica e nós docentes de geografia temos que nos apropriar dessa condição sempre que possível. (BALTAZAR, 2015.p.2).

9 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALTAZAR, Walter J. **A contribuição do grafite na composição e na leitura do espaço geográfico.** In: ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 8., 2015, Catalão. *Anais eletrônicos...* Catalão: UFG, 2015. Disponível em: <http://www.falaprofessor2015.agb.org.br/resources/anais/5/1441199286_ARQUIVO_RE.pdf>. Acessado em: 23 jan. 2016.

CANCLINI, Nestor. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** 1 ed. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 283-350. Disponível em: <<http://www.cdrom.ufrgs.br/garcia/garcia.pdf>> . Acessado em 25 jan. 2016.

CARLOS, Ana F. A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007, p. 14-30. Disponível em: <http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf>. Acessado em: 20 mar. 2016.

CORRÊA, Roberto L.. **O espaço urbano.** 1ª ed. São Paulo: Editora Ática. 1989, p.7.

CORRÊA, Roberto L.(org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, p.290-291.

COSTA, Luzian. P. **Grafite e pichação: institucionalização e transgressão na cena contemporânea..** In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 3., 2007, Campinas. *Anais eletrônicos...*Campinas: UNICAMP. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/COSTA,%20Luizan%20Pinheiro%20da.pdf>>. Acessado em: 21 mar. 2016.

FREITAS, Stella. Mutirão de graffiti colore comunidade para o Dia das crianças em Campos. **G1. Globo,** Campos dos Goytacazes, 11 out. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2015/10/mutirao-de-grafite-colore-comunidade-para-o-dia-das-criancas-em-campos.html>> Acessado em: 01 ago. 2016.

GUERRA, Danielle R.; NAZARETH, Elza K. P.; SILVA, Yaala P. C. S.. Os efeitos do processo da Globalização na dinâmica cultural da cidade: quando a mercadoria ofertada significa a venda da sua própria cultura. **Revista Rural & Urbano.** Recife: UFPE/UFRPE. v. 01, n. 01, p. 214-221, 2016. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/ruralurbano/index.php/ruralurbano/article/view/29>>. Acessado em: 09 mar. 2017.

GUIMARÃES, Maria E. A.. A Globalização e as novas identidades. **Perspectivas.** São Paulo, v. 31, jan/jun. 2007, p. 169-180. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/525>> . Acessado em: 15 mar. 2017.

HOLZER; Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território.** Rio de Janeiro. Ano IV, nº 7. jul./dez. 1999. p. 67-78. Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07_6_holzer.pdf>. Acessado em: 20 abr. 2016.



JANUZZI, Flavia. Grafiteiros de comunidades do Rio vão expor telas em Nova York. **G1. Globo**, Rio de Janeiro, 28 ago. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/08/grafiteiros-de-comunidades-do-rio-va-expor-telas-em-nova-york.html>> . Acesso: 30 abr. 2016.

LAZZARIN, Luís. F. Grafite e o Ensino da Arte. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, n. 32, jan/jun. 2007, p. 59-74. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6660/3976>>. Acessado em: 23 mai. 2016.

MOREIS, Carina. S. **Grafite: da arte da rua ao diálogo entre saberes**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 11., 2011, Presidente Prudente. *Anais eletrônicos...* www.enampege.ggf.br/2015, 2015. Disponível em: <<http://www.enampege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/493.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

PEIXOTO, Osório. **O Ururau da Lapa e outras histórias**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1991.

PEREIRA, André. **Graffiti: práticas, estilos e estéticas de uma identidade cultural**. Lisboa: CIES/IUL e-Working paper n. 150. 2013, p. 3-8. Disponível em: <http://cies.iscte-iul.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES_WP150_Pereira.pdf>. Acessado em: 24 mai. 2016.

SANTOS, Milton.. **A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP. 2006, p. 28-106. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/3d98/935226acd0d27240721d620eedb977150a93.pdf>> . Acesso em 18 mai. 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

TARTAGLIA, Leandro. A paisagem e o grafite na cidade do Rio de Janeiro. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro**, n.7, 2013. p. 191-204. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204432/4114327/revista_AGCRJ_7_2013.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2016.